

## FICÇÃO E EXPERIÊNCIA, OU FOUCAULT RECONTA A HISTÓRIA

Guaracy Araújo  
Professor de Filosofia da PUC-MG

**Resumo:** O artigo lida com o tema da ficcionidade na obra de Michel Foucault. Porque Foucault frequentemente caracterizou seu trabalho em termos de uma produção de ficções que acarretariam efeitos de verdade? Para responder tal questão, o artigo inicialmente aponta os sentidos da ficcionalização em alguns momentos da trajetória de Foucault. Em seguida o artigo tenta afirmar um vínculo entre estes procedimentos de ficcionalização e o interesse por uma intervenção prática, pragmática assumido por Foucault em seus livros.

**Palavras-chave:** Foucault, ficcionalidade, história.

**Abstract:** The article deals with the theme of fictionality in Michel Foucault's work. Why did Foucault frequently characterize his work in terms of a production of fictions that carry truth-effects? To answer this question the article initially points to the meanings of fictionalization in some moments of Foucault's trajectory. Then the article tries to affirm a link between these procedures of fictionalization and the interest of a practical, pragmatic intervention assumed by Foucault in his books.

**Keywords:** Foucault, fictionality, history.

### Parte I

Início este texto expondo trechos de entrevistas dadas por Michel Foucault entre os anos de 1977 e 1979. Vamos aos fatos. Em 1977, sendo entrevistado por Lucette Finas para *La Quinzaine Littéraire*, Foucault é inquirido sobre o aspecto ficcional frequentemente associado a seus textos. Sua resposta: “Quanto ao problema da ficção, ele é para mim um problema muito importante; eu me dou conta claramente que nunca escrevi nada senão ficções. Eu não quero dizer por isso que estas estejam fora da verdade. Me parece que é possível aí fazer trabalhar a ficção na verdade, induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção, e de fazê-lo de tal forma que o discurso de verdade suscite, fabrique qualquer coisa que não existe ainda, e assim “ficcione”.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

“Ficciona-se” a história a partir de uma verdade política que a torna verdadeira, “ficciona-se” uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica.”<sup>1</sup>

Segunda declaração, dada em 1979 para uma revista universitária americana, ao ser questionado sobre o caráter controverso e convincente de suas hipóteses: “Eu não sou verdadeiramente historiador. E eu não sou romancista. Eu pratico um tipo de ficção histórica. De uma certa maneira, eu sei muito bem que o que eu digo não é verdade. (...)” E, após mostrar em que medida a sua “História da Loucura” dependia de tal caráter ficcional, e novamente associando tal caráter à possibilidade de trazer uma nova percepção sobre a loucura para o presente, Foucault conclui: “Eu pretendo provocar uma interferência entre nossa realidade e o que nós sabemos de nossa história passada. Se eu sou bem-sucedido, tal interferência produzirá efeitos reais sobre nossa história presente. Minha esperança é a de que meus livros tragam sua verdade uma vez escritos e não antes.”<sup>2</sup>

Terceira declaração, dada a Ducio Trombadori em 1978: “(...) as pessoas que me leem, em particular aquelas que apreciam o que eu faço, me dizem frequentemente, rindo: ‘no fundo, você bem sabe que isso que você diz é só ficção.’ Eu sempre respondo: ‘Seguramente, não se discute que isso seja outra coisa além de ficção.’ ” Foucault arremata assim esta declaração: “Meu problema é o de fazer eu mesmo, e de convidar os outros a fazer comigo, através de um conteúdo histórico determinado, uma experiência disso que nós somos, do que não é somente nosso passado mas também nosso presente, uma experiência de nossa modernidade tal que nós sairemos dela transformados.”<sup>3</sup>

As declarações são tão exíguas em extensão quanto abrangentes em termos de conteúdo e alcance: ao qualificarem toda a pesquisa histórica foucaultiana, podem ser assimiladas à quase totalidade da produção de Foucault. Deve-se apontar que Foucault reformulava retrospectivamente seus livros a partir de novas orientações que surgiram nos distintos momentos de sua trajetória<sup>4</sup>. Uma questão prévia se coloca em relação às declarações expostas acima: até que ponto elas são uma chave confiável de leitura? Tomarei como hipótese o seguinte ponto de vista: as declarações apresentadas parecem

---

<sup>1</sup> *Dits et Ecrits*, vol III, pg. 236. As traduções das declarações apresentadas aqui são de minha autoria.

<sup>2</sup> Idem, idem, pg. 805.

<sup>3</sup> Id, vol. IV, pg. 44.

<sup>4</sup> No artigo “Foucault leitor de Foucault” (Trad. esp. de Manuel Alcañiz, 1995) Roger Chartier acompanha minuciosamente este processo de releitura retrospectiva.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

não conflitar diretamente com possibilidades de leitura que podem ser apontadas em cada momento do percurso de Foucault. No entanto, elas assumirão maior pertinência a partir das alterações de regime conceitual que emergem nos trabalhos do filósofo francês a partir dos anos setenta. A avaliação das consequências deste enquadramento impõe um primeiro passo. É preciso qualificar sumariamente o percurso do autor destacando as possibilidades de leitura que, em cada fase de sua trajetória, permitem a aproximação com o termo “ficção”. Em um segundo momento, é o sentido de tal aproximação que será levado ao centro da análise.

As pesquisas históricas redigidas por Foucault nos anos sessenta do século XX, “A História da Loucura na Época Clássica”, “O Nascimento da Clínica” e “As Palavras e as Coisas”, podem ser lidas a partir da chave ficcional, desde que se entenda qual sentido o termo “ficção” assumia neste momento da trajetória de Foucault. Lembremos que paralelamente a estes estudos Foucault dedicou durante os anos sessenta uma ampla produção de textos dedicados à literatura. Em um destes textos, dedicado a Júlio Verne<sup>5</sup>, o termo ficção é definido de forma direta como “relação entre aquele que fala e aquele do qual ele fala”<sup>6</sup>. Esta definição poderia nos levar ao engano se a modalidade de relacionamento apresentada for compreendida como voltada para um mundo extradiscursivo que os textos fictícios apresentariam. No decorrer da exposição, Foucault deixa claro que “esta relação só pode se estabelecer no interior do próprio ato de palavra”<sup>7</sup>: fala-se de uma modalidade de relacionamento intradiscursivo. O “ato de palavra” nos remete a toda uma série de pressupostos, conceitos, elementos de gravitação mobilizados por Foucault neste período, e que constituem o sentido de ficção assumido durante os anos sessenta pelo autor. Poderíamos assim falar em ficções históricas na medida em que as obras referidas poderiam ser descritas como atos de palavra que, por meio de artifícios próximos à ficção, criam atritos e contatos com a distância, a exterioridade, o “lado de fora”.

Um juízo sobre este momento da trajetória de Foucault pode ser formulado da seguinte forma: a partir da “História da Loucura”, Foucault se afastará dos privilégios

---

<sup>5</sup> “Por trás da fábula”, de 1966. “Ditos e Escritos”, vol. III da edição brasileira, pgs. 210 a 218.

<sup>6</sup> Idem, página 210.

<sup>7</sup> Idem, ibidem.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

de uma escrita que pressuporia uma “experiência originária”<sup>8</sup> na qual os significados estariam já dados numa anterioridade ante-predicativa. Na “História da Loucura”, de toda forma, são abundantes os procedimentos ficcionais (em termos de estilo, de encadeamento, de uso retórico da linguagem, de dramatização) e percebe-se certo privilégio do texto ficcional, justamente por ser este mais capaz de acolher a “experiência originária”<sup>9</sup>. As histórias foucaultianas posteriores abrirão mão desta perspectiva em prol de uma maior dispersão e ausência de sentido intrínseco dos elementos enfocados.

Ainda assim, em “O Nascimento da Clínica” (1963) e “As Palavras e as Coisas” (1966) o aspecto ficcional pode ser indicado, mesmo que numa acepção mais restrita. Neste período Foucault parece assimilar mais diretamente o termo “ficção” a noções mais gerais emergentes de seu périplo pela literatura. O que significa na verdade o *parti pris* por uma estética literária não-representacionista que pode ser indicada em autores como Blanchot, Bataille, Beckett, Klossowski, Roussel, e seus supostos antecessores ilustres, Flaubert, Baudelaire, Hölderlin. A ficção deve ser entendida aqui como atitude literária que favorece uma experiência filosófica enquanto deposição do sujeito filosófico centrado na consciência. A literatura é aqui uma experiência de pensamento privilegiada na medida de seu caráter de subversão a categorias típicas da Filosofia Moderna: o sujeito de conhecimento, a consciência como sede, a história enquanto totalizadora. “Ficcionalizar” aqui é opor-se a totalizar: é adentrar na dispersão, na singularidade que se dá e se oculta no texto literário, abrir-se ao murmúrio anônimo da linguagem. As ficções foucaultianas neste período são gestos de homenagem ao espectro literário indicado anteriormente.

Esboça-se uma transformação no regime conceitual foucaultiano a partir de “A Arqueologia do Saber” (1969) e de um novo estatuto assumido pela noção de acontecimento nos trabalhos do autor. A ficcionalização em Foucault durante os anos sessenta tem como horizonte uma captura do exterior que pressupõe uma não-correspondência entre pensamento e pensado. Mas a adoção mais decidida da noção de acontecimento acarretará novos papéis para a ficcionalização.

---

<sup>8</sup> Nos termos utilizados em “A Ordem do Discurso”, e que podem ser tomados como qualificativo para o trabalho desenvolvido na “História da Loucura”. O que é endossado pelo próprio Foucault. Cf. “A Arqueologia do Saber”, pg. 54 da edição brasileira.

<sup>9</sup> Este ponto é abordado por Frédéric Gros em *Foucault et la folie* (1997), páginas 28 a 82.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

Esta passagem pode ser assinalada em três momentos. Na “Arqueologia do Saber” a noção de acontecimento é indicada mas assume estatuto incerto. Ora o acontecimento parece emergir enquanto fato tal como transmitido pelo discurso, ora como factualidade própria do discurso, ora como caráter ou atributo do discurso. A noção torna-se mais precisa a partir da leitura de “Lógica do Sentido”, de Gilles Deleuze<sup>10</sup> e da assimilação por parte de Foucault de aspectos desta leitura (e, por essa via, da lógica estoica que embasa as posições de Deleuze) em “A Ordem do Discurso” (1970). A aula inaugural de Foucault no *Collège de France* é o momento no qual confluem as duas orientações. Se a aula é iniciada justamente por uma referência à “voz sem nome”, ao anonimato da linguagem<sup>11</sup>, é nela que os aspectos mais cruciais da recepção da leitura deleuziana do estoicismo serão sublinhados. Em particular, a ideia de quase-materialidade do acontecimento, sua “materialidade incorporeal”<sup>12</sup>. Repare-se todavia que na “Ordem do Discurso” a noção de acontecimento é assimilada a um princípio de dispersão discursiva. Fala-se aqui ainda de acontecimentos discursivos; o acontecimento ainda é estreitamente correlativo ao campo discursivo. As forças e os corpos ainda não invadiram o regime conceitual do autor.

O texto-marco para essa invasão é “Nietzsche, a Genealogia e a História”<sup>13</sup>, primeira ocasião em que o significado próprio da genealogia de Foucault (rubrica da qual o autor não mais se desprenderia desde então) é tematizado. Agora o acontecimento encontra uma nova e mais potente caracterização, capaz de fecundar as investigações que Foucault de agora em diante chamará genealógicas. Se antes o termo acontecimento caracterizava aquilo que é da ordem da contingência na irrupção dos discursos, agora esta caracterização terá como contraparte o encontro dos corpos – e o acontecimento como efeito incorporeal deste encontro, seguindo a orientação dada pela lógica estoica.

A “acontecimentalização” que incide na trajetória de Foucault a partir deste momento (em se considerarmos a singularidade, não-necessidade, contingência e dispersão dos acontecimentos) convocará o fazer histórico tanto enquanto diagnosticador quanto como composicional. Se os acontecimentos não possuem uma referência e coordenada originária, e são o efeito ou sentido de choques de corpos, tal

---

<sup>10</sup> No extenso artigo “Theatrum philosophicum”, publicado pela primeira vez na revista *Critique* em 1970.

<sup>11</sup> *A Ordem do Discurso*, pg. 5 da edição brasileira.

<sup>12</sup> *Idem*, pg. 58 da edição brasileira.

<sup>13</sup> *Microfísica do Poder*, pg. 15-37.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

efeito deverá ser explicitado e tal sentido construído, agenciado, disposto: ficcionalizado. E é aqui que a tendência da historiografia a partir dos anos setenta em constituir os nexos históricos enquanto disposições ficcionais na ausência de um referente capaz de suportar sua trama (o que pode ser apontado em Michel de Certeau e Hayden White, apenas para citar dois representantes ilustres) encontra as análises históricas de Foucault.

O que diferenciará, no entanto, tais análises em relação a este movimento da historiografia é que estas são sempre conduzidas de forma a engendrar efeitos de verdade. Ou seja, as ficções foucaultianas tanto intervêm em debates filosóficos quanto se constituem em peças de conhecimento capazes de mobilizar vontades e participar de intervenções no campo aberto das práticas. As noções de acontecimento e força, a formulação do projeto genealógico são solidárias a uma redefinição, por parte de Foucault, do papel do intelectual. Pode-se entender neste momento que ficcionalizar a história signifique, para Foucault, criar pontos de apoio para resistência, participar da “insurreição dos saberes sujeitados”<sup>14</sup>. Os quais, justamente por terem acedido de forma precária ao discurso, tornam necessários os exageros e ênfases diferenciais viabilizados por uma escrita que se assume como ficcionalizante.

Foucault de forma recorrente qualificou suas obras como livro-experiências, experiências pessoais de transformação. No entanto, o estatuto destas experiências se desloca a partir deste momento de um caráter mais privado nas obras dos anos sessenta para um patamar de experiência que participa de um circuito. Esta proposta serve como um ponto de partida para a reavaliação do suposto decisionismo ético-político de Foucault, tantas vezes enfatizado por seus comentaristas em língua inglesa e por Jürgen Habermas. Afinal, a ficção enquanto geradora de efeitos de verdade é uma intervenção na “política do pensamento”, em se levando em conta o caráter agônico, conflitivo do campo intelectual.

Enfim, o momento no qual as declarações indicadas no início deste texto são propostas por Foucault coincide com a emergência do tema do governo e sua inflexão para o governo de si. A ideia de um intelectual que favorece interesses de sujeitos e grupos cujo acesso ao discurso é restringido, para seu próprio prejuízo, é articulada em

---

<sup>14</sup> idem, pg. 170 da edição brasileira.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

um importante texto<sup>15</sup> no qual o projeto foucaultiano se apresenta a partir de uma afirmação central. Qual seja, a de que este tem como contraponto o interesse de diversos grupos, recorrente na Modernidade a partir das reformas protestantes, em não ser governado de forma absoluta, coercitiva e sistemática. As ficções foucaultianas são uma escrita que favorece aqueles que não querem ser governados.

## Parte II

Até agora apresentei uma hipótese acerca do estatuto ficcional das pesquisas históricas de Foucault. Mas qual é o alcance desta atribuição, declinada em sentido prático, pragmático – induzir efeitos de verdade? Em que medida ela permite uma avaliação ampla do projeto filosófico de Foucault e de seus focos de aplicação?

Talvez seja necessário, neste momento, recorrer a uma caracterização extrínseca do ficcional e de seu papel no registro filosófico moderno e contemporâneo. Esta nos é oferecida por Wolfgang Iser<sup>16</sup>. Duas indicações oferecidas pelo teórico alemão são particularmente interessantes nesse sentido. Em primeiro lugar, Iser aponta uma tendência histórica no tratamento e papel da ficção no registro filosófico moderno e contemporâneo, a partir de Francis Bacon: esta teria se deslocado de um estatuto representativo, passando a ser percebida cada vez mais como modalidade de intervenção. Esta indicação tem como pano de fundo uma outra, mais genérica. Para Iser a ficção é um conceito pragmático, que determina ou indica um processo, uma ação, mais do que se define por um conteúdo.

Tais indicações casam muito bem com as afirmações de Foucault apresentadas anteriormente. A produção de efeitos de verdade e o fato de que Foucault chega a usar o termo “ficcional”, tomando assim a ficção de forma processual, são indícios decisivos neste sentido. Enfim, a afirmação de efeitos de verdade indica que o ficcional orienta-se para um horizonte receptivo: a produção de efeitos nos leitores das obras.

Associando-se a ficcionalização como aspecto recorrente em Foucault à ficção enquanto conceito pragmático, somos tentados a ver a pesquisa histórica – e, em se considerando sua centralidade, a obra de Foucault – como a expressão de um pragmatismo. A generalização nos textos de Foucault da noção de prática parece

---

<sup>15</sup> “*Qu’est que la Critique? Critique et Aufklärung*”. Conferência ministrada em 1978.

<sup>16</sup> Em uma das obras mais relevantes acerca da ficção publicada nas últimas décadas: *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de Uma Antropologia Literária*.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

favorecer este ponto de vista, recorrentemente sublinhado por Deleuze e por outros comentadores.

Assim, não é surpreendente que John Rajchman formule uma leitura tendo como foco a possibilidade de uma interpretação da obra de Foucault em chave pragmatista<sup>17</sup>. Um elemento de interesse nesta leitura: Rajchman sublinha a diferença entre um pragmatismo de consenso (tal como praticado por Richard Rorty, o que talvez possa ser generalizado para todo o pragmatismo filosófico norte-americano) e um de problematização, que seria próprio a Foucault.

Uma caracterização do pragmatismo norte-americano poderá complementar as afirmações de Rajchman. O pragmatismo norte-americano tende a oscilar entre as dimensões “pragmática” (na qual conceitos são tomados em sentido essencialmente operatório) e “semântica” (na qual conceitos são entendidos enquanto definições) em se tomando a linguagem filosófica como ponto de referência. Examinemos, por exemplo, a afirmação de Rorty segundo a qual o eu, a identidade pessoal deve ser assumida como uma rede de desejos e crenças<sup>18</sup>. Percebe-se aqui uma tendência recorrente no discurso pragmatista: a hipóstase de conceitos operatórios, que incham até se tornar definições. O que poderia ser compreendido se percebermos o compromisso pragmático com seus temas de oposição. O pragmatismo se compromete com o que se opõe – e, com se opõe à tradição filosófica, se compromete com ela. Isso impede que um autor como Rorty afirme que escreveu ficções. Rorty escreveu basicamente argumentos, como os demais filósofos pragmatistas. Na medida em que seus conceitos operatórios devem viabilizar a argumentação em chave opositiva, estes são por fim determinados e se tornam definições.

O contexto de debates filosóficos no qual emerge o pragmatismo favorece esta caracterização, que implica ainda uma especificação de função do intelectual (argumentador profissional, especialista em argumentar) e de seu público: “burguesia esclarecida”, profissionais ou envolvidos com humanidades; público previsível em uma sociedade presumivelmente distribuída em funções. O encontro entre intelectual e público nesta perspectiva é determinado por circuitos funcionais; é institucionalizado. O intelectual torna-se nesse contexto uma figura estabilizadora, pacificadora, que pretende

---

<sup>17</sup> Em texto intitulado “Foucault Pragmático” (2000).

<sup>18</sup> Afirmação recorrente de Rorty, exemplificada particularmente em *Contingência, Ironia, e Solidariedade* (Trad. de Nuno Ferreira da Fonseca, 1992).

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

ampliar os consensos de uma sociedade percebida de forma pouco problemática. A tudo isso se contrapõe o que representou Foucault como intelectual-militante e pensador perigoso, que perseguiu uma vocação mais arraigada e crucial na trajetória histórica da Filosofia: a criação de dissensos.

Retomando o texto de Rajchman, acredito que este assume caracterizações algo equívocas da trajetória foucaultiana. Duas delas merecem ser sublinhadas. Em primeiro lugar, Rajchman assume a ficção sobretudo enquanto artifício de desmontagem de evidências não-problematizadas. Acredito, no entanto, que esta caracterização só poderia ser completa se o arco de aplicação da noção de ficção for mais completamente desenvolvido. Ademais, trata-se de qualificar os processos de ficcionalização a partir do nominalismo não-universalista próprio da obra de Foucault a partir dos anos setenta (e que ele nunca abandonou), não só do ponto de vista da composição, mas também de acordo com a recepção.

Um segundo equívoco consiste na forma como Rajchman recolhe a leitura deleuziana de Foucault (e a própria obra de Deleuze, em seu conjunto) enquanto expressão de certa modalidade de pragmatismo filosófico. Creio que, ao falar de pragmática do múltiplo e de um pragmatismo na obra de Foucault, interessa a Deleuze sobretudo destacar de forma direta o caráter operatório de numerosos conceitos foucaultianos (que agenciam, articulam multiplicidades de muitos níveis, segundo Deleuze). A pragmática em Foucault apontada por Deleuze não é pragmatismo – é a afirmação de que os conceitos em Foucault são operatórios e não independem de seu uso. Neste sentido, Deleuze dá pistas interessantes para a discussão aqui esboçada; o agenciamento de multiplicidades de enunciação, visibilidade e forças parece aludir ao caráter configuracional de certas formas de ficção que lidam com registros mistos ou indiscerníveis<sup>19</sup>.

No entanto, essa aproximação configuracional a partir de Deleuze tem limites. Importa aqui entender o estatuto assumido por Deleuze diante da noção de ficção (a proposta segundo a qual a ficção seria um agenciador coletivo de enunciação) e a noção

---

<sup>19</sup> Os melhores exemplos, na medida em que recobririam os três gêneros de multiplicidade (em se supondo a importância da visibilidade na obra de Foucault, tal como é defendido vigorosamente por Deleuze), são as variações mais ensaísticas do documentário cinematográfico. Cf. Deleuze, *Foucault*, pg. 74 da edição brasileira.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

correlativa de “povo que falta”<sup>20</sup>. Para Deleuze, a ficção seria um agenciamento coletivo de enunciação, que responde ao juízo negativo de um “povo que falta”. Artistas terceiro-mundistas ou que vivenciam a condição de usuários de línguas menores (como um Glauber Rocha ou um Franz Kafka) produziram suas obras enquanto agenciamentos coletivos de enunciação: atualizariam virtualidades de um povo que acede de forma precária ao discurso, à auto-caracterização. Embora esta descrição não implique de forma direta as classes populares (reparando-se no caráter indeterminado da noção de povo), parece aplicar-se particularmente a elas. A literatura menor (de um Kafka que usa o alemão para escrever embora seja tcheco), o cinema menor (de um Glauber que mobiliza e produz um transe das imagens e da cultura brasileira) seriam desestabilizadores de “grandes narrativas” e daria expressão a este povo que não toma para si o discurso e a expressão.

As noções de povo que falta e agenciamento coletivo de enunciação informam um messianismo sem apelo a valores transcendentais; são manifestações de otimismo vitalista. Mas não interagem com nenhum “lado de fora”. A proposta de Deleuze do ponto de vista filosófico é problemática, por ausência de retificação crítica de pressupostos. Entre eles, a recorrente denegação filosófica da cultura em chave popular. O risco de um preconceito intelectualista é sempre recorrente em propostas como esta. Uma crítica nominalista é obrigada a assinalar em Deleuze a mesma tendência típica do intelectual ocidental: a anulação da potência e significatividade das classes populares. Acredito que os aspectos cético e nominalista da trajetória de Foucault previnem o autor deste risco.

### Parte III

É chegado o momento de qualificar o arco ou trânsito promovido pela ficção enquanto certo tipo de operação em Foucault. O trânsito pode ser apresentado assim. Os livros de Foucault emergem enquanto experiências de si, que transformam o autor a partir de um jogo no qual se enfatizam ora a auto-deposição no rumo da linguagem enquanto experiência de abertura ao exterior, ao “lado de fora” (o que é mais recorrente

---

<sup>20</sup> Tal como desenvolvidas em *Cinema II: A Imagem-Tempo*, nos capítulos 6 – “As Potências do Falso” e 8 – “Cinema, Corpo e Cérebro, Pensamento”, nas páginas 168-188 e 257-266 respectivamente. (Trad. de Eloísa de Araújo Ribeiro, 1990).

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

durante os anos sessenta), ora o pertencimento ou proximidade a certos focos de problematização da sociedade, política, ética e cultura contemporânea (aspecto mais sublinhado durante os anos setenta e oitenta). Ao se enquadrarem em certos circuitos de recepção, as obras sugerem, induzem efeitos de verdade. Ou seja, a recepção enquanto problematização se desdobra no leitor. No entanto, Foucault não poderia pensar em termos de um “nós” indeterminado mas em um “nós” potencial, indeterminado em extensão e efeito, mas determinável em termos de grupos, modos de vida, interesses que o livro em questão contempla em particular.

As ficções em Foucault não são produtoras de um povo que falta; são indutoras de focos sócio-grupais qualificados pela participação em certas práticas, pelo envolvimento em certos esquemas de objetivação/subjetivação que se caracterizam sob a ótica da resistência e do “não querer ser (tão) governado”. Estes focos acedem ao discurso de Foucault e à diversidade de seus usuários, sejam eles filósofos analíticos ou encarcerados, jornalistas ou usuários do sistema de saúde mental, advogados ou militantes de movimentos de gênero. Em outras palavras, esta recepção é até certo ponto encaminhada por um ceticismo diante de uma imagem universalista do intelectual, que ao menos sugere um nominalismo diante do horizonte de recepção.

Não se deve confundir tal postura com a adoção de um leitor implícito que mobilizaria a redação dos livros, e que seria capaz de ativar os esquemas do texto (tal como proposto pelos teóricos da Estética da Recepção). O leitor aqui não é pressuposto enquanto operador definido, apenas como foco e de forma contingente, de acordo com os interesses (pessoais, e muitas vezes idiossincráticos) que se colocam para Foucault. A recepção dos textos de Foucault contribuiria desta forma para elaboração de experiência subjetivas e coletivas, o que não impede eventuais confrontos, incompreensões, lacunas. Afinal, em última instância livros são cartas lançadas ao mar (como diria o escritor alemão Jean Paul), e não flechas lançadas no coração de leitores visíveis.

A descrição deste trânsito implica uma afetação do receptor enquanto indução “fraca” de uma experiência a partir de uma liberação de evidências problematizadas favorecida pelas obras. Os livros como que imantariam experiências dispersas dando-lhes maior delineamento, desdobramento e profundidade. Em resumo: ficções pragmaticamente orientadas enquanto indutoras de experiências, que articulam, em

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

termos epistemológicos, sócio-políticos e éticos narrativas indutoras, e atingem horizontes até certo ponto contingentes, e até certo ponto previstos, de recepção.

Assim, os livros de Foucault têm um veio oculto: a articulação diferencial entre ficcionalização e sentidos assumidos para a experiência, desde os livros que assumem a literatura como paradigmática nos anos sessenta até as últimas intervenções de Foucault. A noção de “vida outra” em “Coragem da Verdade”, último curso ministrado por Foucault no *Collège de France*, favorece esta generalização<sup>21</sup>. A partir daí, duas consequências podem ser indicadas a título de conclusão.

Em primeiro lugar uma hipótese, cujos desdobramentos não poderão ser completamente defendidos neste artigo. A saber: tal postura pode ser interpretada a partir da suposição segundo a qual a experiência se apresenta na contemporaneidade como vazio, como incompletude, como ausência de sentido. Tal assunção, recorrente na filosofia contemporânea desde o século XIX, tem seus focos principais nos três âmbitos elaborados mais diretamente na obra de Foucault - epistemológico, político, ético. Digase de passagem, o vazio da experiência é um elemento claramente distintivo da cultura contemporânea, tendo sido discutido por numerosos pensadores e elaborado por um sem-número de artistas. Foucault lidaria com aspectos desta discussão, e sua alternativa não seria a de professar sentidos para a experiência, mas ensaiar experiências enquanto experimentos na linguagem, ficções.

Em “O Fictício e o Imaginário”, Iser sugere que o termo ficção tende a reclamar um duplo, dado seu caráter operatório ou pragmático. O duplo habitual, que foi progressivamente desqualificado pelo discurso filosófico e pelas práticas literárias e artísticas durante a Modernidade e Contemporaneidade, é aquele que se estrutura entre a ficção e a realidade. Em contraposição, Iser proporá como duplo o par ficção-imaginário. O antropologismo explícito da noção de imaginário, que fatalmente apelará a uma figuração da consciência, impede Foucault de se aproximar de tal caracterização. Creio que o duplo operatório introduzido na recepção potencial de Foucault será, assim, aquele constituído pelo par ficção-experiência.

Em segundo lugar, na análise de Iser emerge um elemento de interesse para a interpretação esboçada aqui. A ficção enquanto dualidade é vista pelo teórico alemão enquanto elemento mediador entre padrões práticos e teóricos de racionalidade. Se tais

---

<sup>21</sup> *A Coragem da Verdade*, pg. 313 da edição brasileira.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

padrões (o de uma razão teórica e o de uma razão prática) são continuamente desarticulados a partir da Filosofia Moderna<sup>22</sup>, poderíamos afirmar que em contrapartida a ficção é aquilo que preenche o hiato, induzindo experiências potenciais.

A relação que podemos a esta altura formular entre experiência e problematização, tal como é desdobrada por Foucault em seu período final, sugere uma captura recíproca e distinção de princípio entre formas de racionalidade, esquemas/relações de poder e formas de subjetivação. Podemos a esta altura indicar um conjunto de papéis e significados para a ficcionalização de suas pesquisas históricas, perseguindo cada um destes eixos.

De um ponto de vista epistemológico, os textos são ficções por fornecer um uso do “como se”. São ficções heurísticas, em se considerando o real enquanto encontro de corpos irrepresentável, mas produtivo – favorecendo uma experiência em chave cognitiva (uma exploração do desconhecido). De um ponto de vista prático-relacional, e tomando como referência as relações de poder, tratar-se-iam de ficções operativas que estabelecem limites e questionam justificativas para certos padrões de racionalidade e prática política. O que favoreceria uma experiência de resistência. Enfim, de um ponto de vista auto-relacional e de relação com a alteridade: são ficções exemplares que fornecem “grãos de conduta” capazes de se imiscuir na auto-relação e na constituição de focos de sociabilidade. Ou seja, ficções criadoras, que favorecem uma experiência de liberdade, de autogoverno, abrindo ainda espaço para a alteridade – questões às quais aludem reiteradamente os últimos trabalhos de Foucault.

## **Bibliografia**

- AGAMBEN, G. *Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História*, Tradução de Henrique Burigo - Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- CHARTIER, R. *Foucault Lector de Foucault* In “Eutopias, 2ª Época: Documentos de trabalho” Tradução de Manuel Alcañiz - Valencia, Episteme, 1995
- DAL LAGO, A. *Uma Lei Individual: Ética e subjectividade em Foucault*, Tradução de Bárbara Pelicano Soeiro In “Michel Foucault: uma analítica da experiência” Revista de Comunicação e Linguagens, No 19/Dezembro de 1993 Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

---

<sup>22</sup> Esta é a tese de Giorgio Agamben. Cf. “Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História”, pg. 19 a 78.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

DELEUZE, G. , *Lógica do Sentido* , Tradução de Luis Roberto Salinas Fortes , São Paulo, Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cinema II: A Imagem-Tempo* , Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro , São Paulo, Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Foucault* , Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins , São Paulo, Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Conversações* , Tradução de Peter Pál Pelbart - Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. - *Qu'est que la Critique? Critique et Aufklärung*, Bulletin de la Société Française de Philosophie, Vol. 82, No 2, pgs 35-63, avril/juin 1990.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura na Época Clássica* , Tradução de José Teixeira Coelho Netto , São Paulo, Editora Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *Naissance de la Clinique* , Paris, P.U.F., 1963.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas* , Tradução de Salma Tannus Muchail - São Paulo, Martins Fontes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, Marx & Freud. Theatrum Philosophicum*. Tradução de Jorge Lima Barreto - São Paulo, Princípio, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber* , Tradução de Luis Felipe Baeta Neves , Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso* , Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio , São Paulo, Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II , O Uso dos Prazeres* , Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque - Rio de Janeiro, Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade* , Tradução de Maria Ermantina Galvão , São Paulo, Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *L'Herméneutique du Sujet* , Paris, Gallimard/Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Coragem da Verdade* , Tradução de Eduardo Brandão , São Paulo, Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder* , Tradução de Roberto Machado *et alli* , Rio de Janeiro, Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Dits et Écrits - Vol I, II, III e IV* , Paris, Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos , Vol. I , V* , Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro *et alli* - Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

GAZOLLA, R. , *O Ofício do Filósofo Estóico: O Duplo Registro do Discurso da Stoa* , São Paulo, Edições Loyola, 1999.

GROS, F. , *Foucault et la folie* , Paris, PUF, 1997.

HABERMAS, J. , “Desmascaramento das Ciências Humanas Pela Crítica da Razão: Foucault” , In *O Discurso Filosófico da Modernidade* , Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodney Nascimento - São Paulo, Martins Fontes, 2000.

Araújo, Guaracy  
*Ficção e Experiência, ou Foucault Reconta a História*

RAJCHMAN, J. , “Foucault Pragmático”, in *Retratos de Foucault* , Organizado por Guilherme Castelo Branco e Vera Portocarrero , Rio de Janeiro, Nau Editora, 2000.

RORTY, R. , *Contingência, Ironia, e Solidariedade* - Tradução de Nuno Ferreira da Fonseca , Lisboa, Presença, 1992.

RORTY, R. , “Identidade Moral e Autonomia Privada: O Caso de Foucault” , in : *Ensaio Sobre Heidegger e Outros* , Tradução de Antônio Oliveira Cruz , Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

\_\_\_\_\_. *Objetivismo, Relativismo e Verdade* , Tradução de Marco Antônio Casanova , Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

TAYLOR, C., “Foucault on Freedom and Truth”, in: “*Foucault: A Critical Reader*” - Organizado por David Cousin Hoy, Oxford, Basil Blackwell, 1986.

[Recebido em novembro de 2011; aceito em dezembro de 2011.]